



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS - TRADUÇÃO

Humor em Tiras: Traduzindo os Malvados de André Dahmer

MATHEUS BEZERRA EVARISTO

Brasília

2013

MATHEUS BEZERRA EVARISTO 09/0011066

Humor em Tiras: Traduzindo os Malvados de André Dahmer

Trabalho apresentado para a disciplina
Projeto Final do Curso Letras-Tradução,
sob a orientação do Prof. Dr. Mark
David Ridd, do curso de Letras-
Tradução da Universidade de Brasília.

Brasília

2013

MATHEUS BEZERRA EVARISTO

Humor em Tiras: Traduzindo os Malvados de André Dahmer

Projeto apresentado ao curso de Letras-Tradução da Universidade de Brasília como requisito à obtenção de menção na disciplina Projeto Final do Curso Letras-Tradução pela Banca Examinadora composta pelos membros:

() Aprovado

Data: / /

Prof. Dr. Mark David Ridd

Prof.^a Dra. Soraya Ferreira Alves

Prof^a Dra. Alessandra Matias Querido

RESUMO

Este projeto final teve como objetivo ampliar o acesso de falantes do inglês aos Malvados, tiras criadas por André Dahmer. Foram escolhidas 94 tiras do autor para sua versão do português para inglês. Após a tradução, houve um estudo sobre a teoria do gênero textual das tiras. Os pressupostos teóricos tratam as características próprias dos quadrinhos e tiras e as dificuldades que podem ser encontradas pelo tradutor. Também faz parte da teoria o estudo da tradução de humor, e dentro deste assunto foram mencionados a competência cultural e os princípios da *Skopostherie*, que ajudam no entendimento sobre como o humor funciona, e como lidar com sua tradução. O relatório de tradução foi então desenvolvido mostrando os casos especiais nesta tradução e provando os conceitos da teoria.

Palavras chave: Versão; Quadrinhos e tiras; Tradução de humor; Competência cultural; *Skopostherie*.

ABSTRACT

This final project aims to provide English speakers access to Malvados, comic strips created by André Dahmer. 94 comic strips were chosen to be translated from Portuguese to English. After finishing the translation, a study was made about the theory of the comic strips textual genre. The theory explains the characteristics of comics and comic strips and the difficulties that may challenge the translator. The study of translation of humor is also part of the theory, and further on this subject the cultural competence and the principles of the *Skopos* theory are mentioned, which helps on the understanding of how humor works, and how to translate it. The translation report was developed showing the special cases in this translation and proving the theory concepts.

Keywords: Translation; Comics and comic strips; Translation of humor; Cultural competence; *Skopos* theory.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
1.1. Apresentação do texto.....	1
1.2. Justificativa.....	3
1.3. Objetivos.....	4
1.4. Metodologia.....	4
2 TEORIA	6
2.1. Tradução de histórias em quadrinhos e tiras.....	6
2.2. Tradução de humor.....	8
3 RELATÓRIO	12
3.1. A imagem diz quase tudo.....	12
3.2. Acréscimos no humor.....	15
3.3. Adaptações.....	19
3.4. Oralidade.....	22
3.5. Xingamentos.....	24
3.6. Mistura com outras categorias de discurso.....	26
3.7. Conclusão do Relatório.....	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
5 REFERÊNCIAS	30
6 TEXTO ORIGINAL E TRADUÇÃO	31

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação do texto

O texto escolhido para este projeto final é uma seleção feita por mim de tiras de André Dahmer, criador dos Malvados. Os quadrinhos de Dahmer têm um estilo moderno, abordam vários temas diferentes. Fazem parte de seu trabalho o humor negro e ácido, críticas sociais, e várias séries diferentes sobre temas diversos. Algumas tiras são autobiográficas, outras são filosóficas, algumas têm humor leve e outras têm humor pesado e sujo. Outra característica interessante do autor é o clima sisudo presente em grande parte de seu trabalho, onde certos diálogos e personagens soam mais formais do que se esperara no cotidiano.

Para conhecer mais sobre o autor e seu trabalho, vejamos a seguir o prefácio escrito pelo cartunista Nani no livro “Malvados”, que reúne várias tiras de André Dahmer:

Dahmer e as Flores do Mal

As rosas não falam, já disse Cartola, mas as flores do Dahmer não só falam como tem a dizer. E dizem com a calma que prenuncia as grandes catástrofes. Os Malvados ganharam admiradores em profusão na internet e nos jornais com igual sucesso. O autor? André Dahmer: um atirador. Dahmer tocaia. Dahmer atira. Dahmer não erra o alvo. Dahmer usa uma arma que poucos humoristas têm em seu arsenal: uma arma que abre cabeças com as piadas certas. Se ele não é um xifópagos, é dois num só: um escritor que desenha muito bem e um desenhista que escreve muito bem. Dahmer construiu um universo em preto e branco, com tons de cinza – que já foram as cores dos croquis em alguma prancheta, antes que o mundo, depois de pronto, aos poucos, fosse ganhando as cores enganosas dos poderosos laicos e religiosos até ser repintado, agora, com as cores mortas e sem graça da turma do politicamente correto.

Algum pentelho vai perguntar: “qual é a novidade?”, afinal tem sempre um cartunista falando de pobres, ricos, classe média, vizinhos, justiça, guerra, amores, infidelidade, mulheres, o bem, o mal, Deus, o Diabo, blogs, morte, Orkut, biritas, ácidos, novas religiões, sexo, os infernos da alma, carreira, empregos, velhos ideais, depressão, culto ao corpo, medo, angústia, mentira, política... Aí que está. Pode ser a mesma merda de sempre, mas o microscópio de Dahmer é novo, moderno e de última geração. Por trás

das lentes, os olhos e por trás dos olhos, a inteligência crítica para o diagnóstico certo do humorista. (Malvados, 2008, p. 9)

Dahmer é autor de diversas séries que focam temas diferentes. Para o projeto, eu trabalhei com tiras de quatro séries diferentes:

A primeira série faz parte dos primeiros trabalhos do autor, “Malvados”, que trata sempre de diálogos e situações de personagens de formato estranho que lembram flores.



A segunda, “Apóstolos, A Série”, é uma visão cômica da vida de Jesus Cristo e seus apóstolos.

APÓSTOLOS, A SÉRIE



A Terceira chama-se “Mini-cômio”, e embora seu tema não seja tão definido, acredito que é sobre o pouquinho de loucura que existe dentro de cada pessoa.



A quarta e última é “Quadrinhos dos anos 10”, de onde foi escolhida a maioria das tiras, e tem como tema os absurdos da sociedade moderna.



1.2 Justificativa

A motivação inicial para a escolha de trabalhar com as tiras de Dahmer veio da vontade de fazer um projeto de tradução que poderia exigir de mim como tradutor, mas trabalhando com algo que poderia ser prazeroso. Acompanho o site do autor por mais ou menos oito anos e sempre gostei bastante de seu trabalho. O humor de Dahmer vai do escrachado ao intelectual e está sempre trazendo algo novo, novos personagens, enredos, assuntos e estilos de desenho.

Gosto muito de humor tanto no inglês quanto no português e estou sempre disposto a conhecer coisas novas. Há um site chamado 9gag (www.9gag.com) que funciona como uma comunidade de humor e entretenimento. Nesse site qualquer um pode se registrar e disponibilizar imagens cômicas ou interessantes, como fotos, montagens, vídeos e cartuns. As imagens publicadas vão para uma página de votação e as mais votadas vão para a página principal do site. O site tem visitantes do mundo todo, e a língua comum é o inglês. Assim, após um bom tempo frequentando o site e ficando em contato com humor em inglês percebi que os quadrinhos de Dahmer poderiam fazer sucesso fora do Brasil se fossem traduzidos. Os temas de Dahmer não se limitam ao da cultura brasileira e podem ser assimilados por grande parte da cultura ocidental contemporânea. Seu humor negro e ácido poderia inclusive ser mais aceito fora do país, já que no Brasil me parece que o público geral está mais acostumado com um humor mais conservador.

1.3 Objetivo

O objetivo da tradução do texto escolhido é torná-lo acessível aos falantes da língua inglesa, não só nativos como também estrangeiros. O trabalho de Dahmer nunca foi traduzido e acredito que merece ser conhecido por um público maior. Planejo disponibilizar as traduções das tiras na internet, publicando em sites de grande visibilidade como o 9gag. Durante o início do projeto, entrei em contato com André Dahmer, que gostou da ideia e disse que também poderia publicar as traduções em uma parte de seu site.

Também é objetivo deste projeto trabalhar as características próprias da tradução de tiras já que há poucos trabalhos publicados sobre o assunto. Como um texto multimodal as tiras oferecem elementos de grande riqueza para os estudos. Abordagem teórica e a prática da tradução de humor também são essenciais para o trabalho já que faz parte do gênero das tiras traduzidas.

1.4 Metodologia

Escolhi 94 tiras para a parte de tradução deste projeto, algumas fornecidas pelo próprio autor e outras retiradas de seu site (www.malvados.com.br). Conversando com o autor ele sugeriu que eu trabalhasse com a série “Quadrinhos dos anos 10”, pois segundo ele é uma de suas séries com o tema mais universal. No começo pensava em traduzir apenas tiras da série “Quadrinhos dos anos 10”, mas achei interessante buscar tiras de outras séries do autor para mostrar sua versatilidade e também para trazer mais casos interessantes para o relatório.

No começo da tradução não levei em consideração a questão do espaço limitado, podemos dizer que fiz uma tradução ‘crua’ com a intenção de refiná-la na revisão. Os problemas quanto ao vocabulário usado no texto foram poucos e a maioria pôde ser solucionado com pesquisas em dicionários e na internet. Na revisão trabalhei, com a ajuda do meu orientador, a questão do espaço limitado e os casos onde o humor não funcionaria na língua inglesa apenas com a tradução do texto.

Após a tradução das tiras, foi preciso formar uma base teórica para identificar tópicos mais interessantes ao relatório. Foi preciso conhecer mais sobre os recursos e o funcionamento das histórias em quadrinhos, procurar e o que mais poderia ser importante para seu estudo. A teoria foi dividida em duas partes: a tradução de

quadrinhos e a tradução de humor. Na parte de tradução de quadrinhos descrevi as características próprias desse tipo de texto, e comentei alguns problemas frequentes no processo de tradução. Em seguida, na tradução de humor, destaquei suas características e dificuldades e trouxe mais dois assuntos para a discussão: a Competência Sociocultural e a *Skopostherorie*.

Com a base teórica formada, pude ter uma ideia melhor do que poderia ser interessante para o relatório de tradução. Assim, pude exemplificar o que foi exposto na teoria do trabalho, mostrando como lidei com os casos mais difíceis e qual foi o estilo predominante da tradução.

2 TEORIA

2.1 Tradução de histórias em quadrinhos e tiras

Tiras e quadrinhos são populares no mundo todo e autores famosos têm seus trabalhos traduzidos frequentemente para diversas línguas. Como base de estudo para esse tópico, usaremos *A translator's guide to reading comics and comics strips* de Adam Wild que faz várias observações interessantes sobre os elementos próprios das histórias em quadrinhos.

Segundo Wild, o diálogo predominante desse tipo texto tem um padrão que raramente pode ser considerado avançado. Quadrinhos poderiam ser considerados fáceis de traduzir não fosse pela combinação entre texto e imagem e também, por vezes, pelas referências contextuais e pelas alusões. A imagem às vezes é tão importante que não deve ser acompanhada de nenhum texto verbal para que o leitor possa analisar o quadro sem distração, tanto no caso de quadros individuais ou até mesmo uma tira completa (vê seção “A imagem diz quase tudo”, no Relatório, pág. 9). Ainda assim, o caso mais comum é quando a imagem e o texto estão de ‘mãos dadas’, entrelaçadas e essa relação é essencial para o modo como lemos uma tirinha. Sobre essa relação de imagem e texto Wild cita McCloud (1993, p. 49):

O ato de ler uma tira requer muito mais recursos cognitivos do que um texto puramente escrito, por que o modo como interpretamos texto e imagem são bem diferentes: nós *recebemos* informação como imagem e *compreendemos* informação como texto. O primeiro é em grande parte instintivo e o segundo é adquirido (Wild, s.d. p. 119).¹

Na alfabetização, aprendemos desde pequenos a reconhecer símbolos e associá-los a objetos e ideias. Livros ilustrados nos ajudam a associar imagens, mesmo que sejam apenas representações simbólicas de coisas como uma árvore ou um cachorro (Wild). Um bom exemplo citado pelo autor é o *Snoopy*, que pouco se parece e nem se comporta muito como um cachorro, mas possui símbolos que nos fazem aceitar e

¹Tradução minha, como as demais neste Projeto. Original: *The act of reading a strip requires a lot more cognitive resources than reading a plain text, because the way in which we interpret text and image are quite different: we receive information as image, and perceive information as text. The former is to large extent instinctive and the other is acquired.*

acreditar que *Snoopy* seja um cão. Wild também diz que quanto mais detalhado um personagem, menor a chance do leitor se identificar. Já uma figura mais simples nos permite uma maior identificação e envolvimento com os acontecimentos do personagem. Assim, a complexidade do personagem é algo que pode dificultar a tradução, pois quanto mais simples o personagem, menos problemas de adaptação e equivalência podem aparecer para o tradutor.

Wild também menciona possíveis problemas nas traduções de quadrinhos. O *timing* de uma piada ou mote pode ser afetado pela escolha de palavras no texto traduzido, como sentenças maiores e diferenças silábicas em tamanho ou ênfase que podem acabar com a graça. O mesmo vale para o ordenamento frasal. É preciso ter certeza sobre quais símbolos e estereótipos são comuns entre o texto original e a tradução, pois o leitor do texto traduzido pode simplesmente não entender nada do que está acontecendo já que o humor também é baseado em conhecimentos prévios da parte do leitor que possam ser relacionados com o humor. Por exemplo, o estereótipo de policial ou de bandido pode ser bem diferente entre culturas distantes. Isso requer, portanto, do tradutor competência intercultural. A Definição de competência intercultural é:

A competência intercultural é a capacidade de entender e gerenciar diferentes visões de mundo culturais. Tendo em conta as visões de mundo culturais realizadas por você e pelos outros, você pode criar melhores relacionamentos, melhorar seu próprio desempenho e ajudar a construir o sucesso para os indivíduos e equipes com os quais você trabalha com regularidade (<http://www.languageandculture.com/competencia-intercultural-pbr>).

A forma como o tradutor apresenta o texto também tem influência nos quadrinhos. Se no original certas palavras estavam em negrito ou tinham alguma forma de destaque que contribuía para o clima do quadrinho, o tradutor não pode ignorar o estilo do original na forma como apresenta o texto traduzido.

Outro fator crítico para o tradutor de tiras é a limitação de espaço, aspecto compartilhado com a legendagem. Na maioria dos casos, podemos dizer que quanto mais enxuto o texto, quanto menos palavras melhor pois, assim, o tradutor não será forçado a diminuir o tamanho da fonte para fazer caber o texto. Diferenças de tamanho de fonte de um quadro para outro em tiras causam certo grau de irritação no leitor.

Aproveitar o espaço da melhor forma possível contribui, portanto, para que a tira fique mais próxima do original e de leitura mais agradável.

2.2 Tradução de humor

O humor é conhecido por desafiar os tradutores. É frequentemente visto como um paradigma de intraduzibilidade (Vandaele, 2002, p. 149)².

Na tradução de humor, o processo se mostra tão frustrante quanto o da tradução de poesia (Diot, 1989, p. 84)³.

John Dryden⁴ argumentava que era importante que o tradutor de poesias fosse um poeta. Talvez seja necessário que o tradutor de humor seja, em certa medida, um humorista. Ser um humorista profissional provavelmente seria pedir demais, mas o tradutor tem que ter senso de humor. O tradutor tem de possuir uma boa competência intercultural, tem que estar familiarizado com o que é engraçado na língua e cultura de origem que também pode sê-lo na língua e cultura de chegada.

Celso-Murcia (2007) propôs um modelo atualizado de seu estudo publicado em 1995 sobre Competência Comunicativa, que trata das diversas competências do falante nativo para a compreensão de todos os tipos de informação em sua língua. Entre as competências citadas pela autora, a Competência Sociocultural tem muito a ver com a capacidade do leitor de achar graça e captar referências e símbolos não óbvios. Para o falante nativo essa competência é construída ao longo dos anos de vida, em seu contato com a história, a literatura, o folclore, registros linguísticos diversos, e comportamento dos diferentes grupos sociais de sua terra natal.

Já para os falantes estrangeiros esse é um conhecimento complicado de se aprender, pois os professores de línguas muitas vezes não são falantes nativos, e mesmo tendo um grande conhecimento da língua que ensinam podem não ter tido contato suficiente com ou noções mais definidas sobre a cultura dos falantes nativos. Mesmo

²Original: *Humor is known to challenge translators. It is often seen as a paradigm case of “untranslatability.”*

³Original: *When it comes to translating humor, the operation proves to be as desperate as that of translating poetry.*

⁴John Dryden foi um poeta, crítico literário e dramaturgo inglês que dominou a vida literária na Inglaterra durante a Restauração, também conhecido por sua contribuição para os estudos da tradução (Wikipedia).

que o professor aborde aspectos culturais, o foco dos cursos de língua está na competência linguística, o conhecimento léxico e gramatical. O desenvolvimento da Competência Sociocultural depende de contato e o interesse do indivíduo em aprender sobre os contextos de uma língua estrangeira. É essencial para o tradutor que ele tenha essa competência tanto na língua de origem do texto quanto na da tradução para que ele possa entender corretamente todos os elementos humorísticos de um texto e produzir uma tradução coerente e que funcione de forma análoga na língua traduzida.

O problema particular da tradução de humor é a sua dependência de conhecimento implícito. Há pensamentos diferentes entre grupos sociais sobre o que pode ser engraçado ou não. O problema também pode se tornar político ou ético: o tradutor pode ficar em uma situação difícil ao decidir qual tipo de humor é apropriado, já que certas instituições, regimes e ambientes sociais censuram ou proíbem certos tipos de humor. Nesse último caso, a tradução se tornará sensível, requerendo uma cautela maior da parte do tradutor. Um bom exemplo disso são as charges européias que retratam o profeta Maomé de forma humorística, algo inaceitável para comunidades muçulmanas.

Há também casos de humor que não podem ser traduzidos por motivos linguísticos, como certas tiradas que envolvem jogo de palavras, trocadilhos, registro e dialetos. Nesses casos o humor pode gerar problemas para os tradutores quando se baseia em conceitos ou realidades específicos de uma língua. O texto a seguir é um exemplo disso:

The Wongs: Su Wong marries Lee Wong. The next year, the Wongs have a new baby. The nurse brings over a lovely, healthy, bouncy, but definitely a Caucasian, White baby boy. “Congratulations,” says the nurse to the new parents. “Well Mr. Wong, what will you and Mrs. Wong name the baby?” The puzzled father looks at his new baby boy and says, “Well, two Wong’s don’t make a White, so I think we will name him Sum Ting Wong. (<http://iwanticewater.wordpress.com/2009/07/10/two-wongs-dont-make-a-white/>).

Essa piada faz referência ao ditado “*two wrongs don’t make a right*,” e ao estereótipo de imigrante asiático que tem dificuldade em pronunciar palavras com a letra “r” de maneira correta, o que também faz piada com o nome escolhido para o bebe, Sum Ting Wong (*something wrong*). Como ficaria essa piada no português? Embora no Brasil também haja piadas relativas ao o sotaque e nomes de asiáticos, acredito que seria

difícil achar equivalentes que aproveitassem todos os aspectos humorísticos da piada em questão. Em casos assim o tradutor deve buscar recursos disponíveis na língua de chegada para manter o humor do texto.

Como podemos ver, a tradução de humor pode exigir mais liberdade para o tradutor lidar com problemas de equivalência e adaptação. Novamente, como no caso das traduções de legendas, são justamente as restrições que requerem uma atitude mais livre e criativa do tradutor. Às vezes uma língua de chegada não possui os recursos da língua de origem, mas pode oferecer outros recursos que permitem um funcionamento do humor. Marta Rosas, em seu livro “Tradução de humor: transcriando piadas” (2002) defende a teoria de que a finalidade da tradução, o propósito a que serve o texto traduzido é dominante, tendo como base os estudos da *Skopostheorie*. Segundo Hans Vermeer, fundador da *Skopostheorie*, a regra geral é a de que o propósito do texto alvo determina os meios e estratégias de tradução. Não é o texto fonte em si, mas a função atribuída pelo iniciador (um cliente ou uma necessidade) do texto alvo que determina o processo de tradução. Podemos ver neste exemplo retirado de seu livro, citado por Possenti, como Rosas trabalha a abordagem funcionalista em sua tradução:

Rosas fornece vários exemplos, entre os quais *Winter is nature's way of saying 'Up yours'*, que poderia ser traduzida por *O inverno é o modo que a natureza encontra de dizer 'no seu'*, mas que seria menos eufêmica substituindo 'no seu' por 'vá tomar no...' e *What did the Polish mother say to her pregnant, unwed daughter? "Look on the bright side, maybe it's not yours"* cuja tradução mais ou menos literal seria *O que é que a polonesa disse para sua filha solteira e grávida? "Veja as coisas pelo lado bom; talvez o bebê não seja seu"*. Esta tradução exigiria uma nota para explicar que o polonês é a personagem de piadas americanas com papel análogo ao do português em piadas brasileiras (eventualmente, seria mais funcional na cultura brasileira simplesmente substituir *polonesa* por *portuguesa*). (Possenti 2003)

Não podemos esquecer que as noções da *Skopostheorie* são consideradas radicais e receberam diversas críticas. Tais críticas afirmavam que alguns de seus conceitos eram muito simplificados e que o texto fonte não pode deixar de ser relevante para tomadas de decisões do processo de tradução. Mas essas mesmas noções radicais da *Skopostheorie* trouxeram mais importância para o texto alvo, que deixou de ser visto como mera reprodução do texto fonte. Pela ótica funcionalista, os tradutores também começaram a ser vistos como autores dos textos alvos e se tornaram mais livres das

limitações impostas pelo conceito de fidelidade ao texto fonte. Afinal de contas, de que adianta ser fiel ao texto fonte se, ao lê-lo, o tradutor “perde a piada” e o leitor do texto traduzido deixa de enxergar o humor da tira?

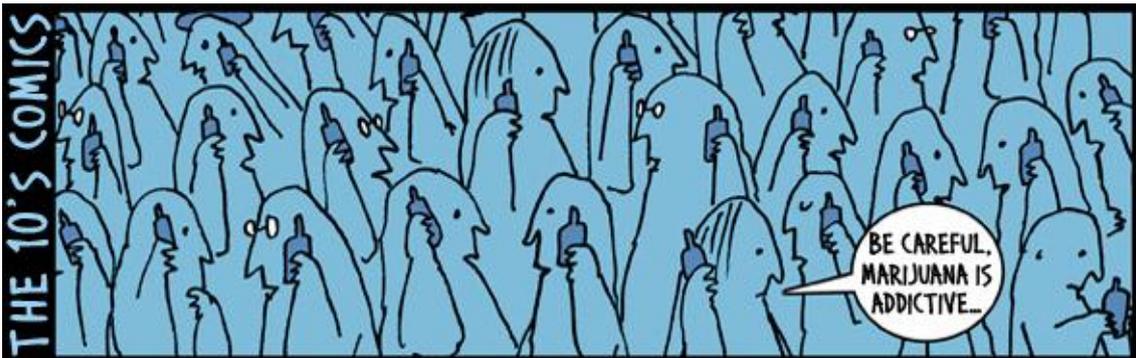
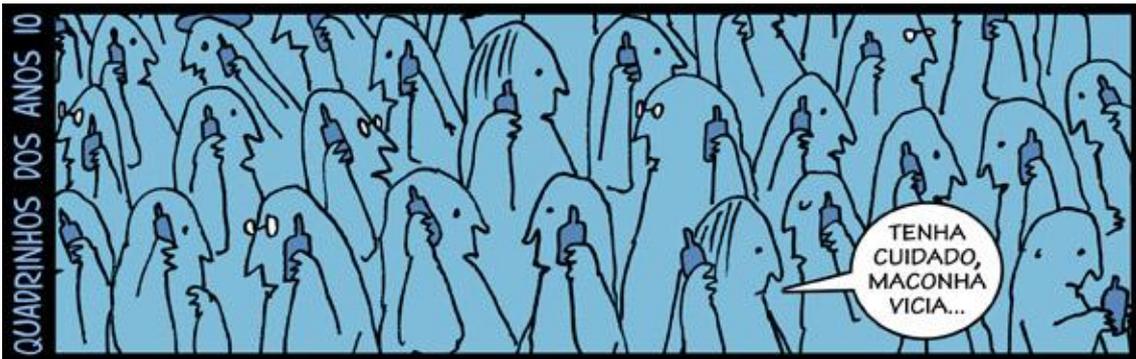
3 RELATÓRIO

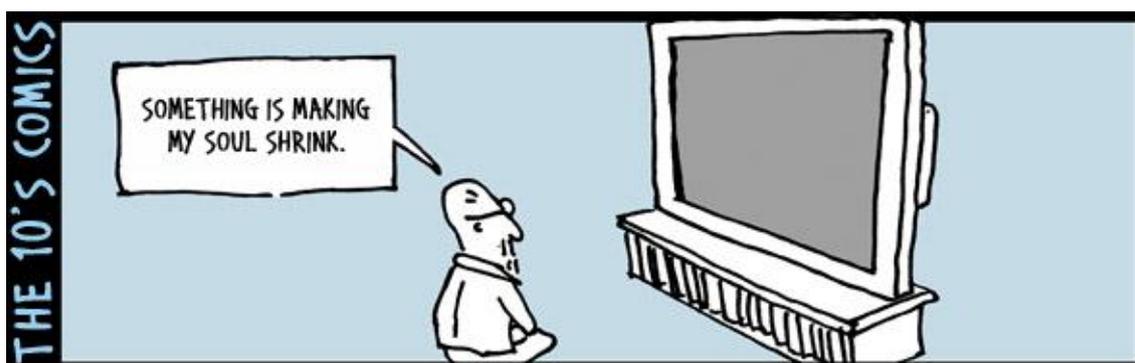
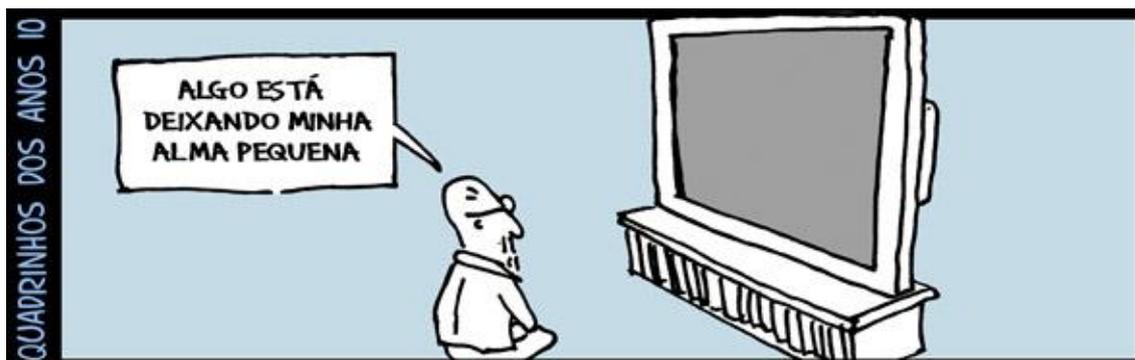
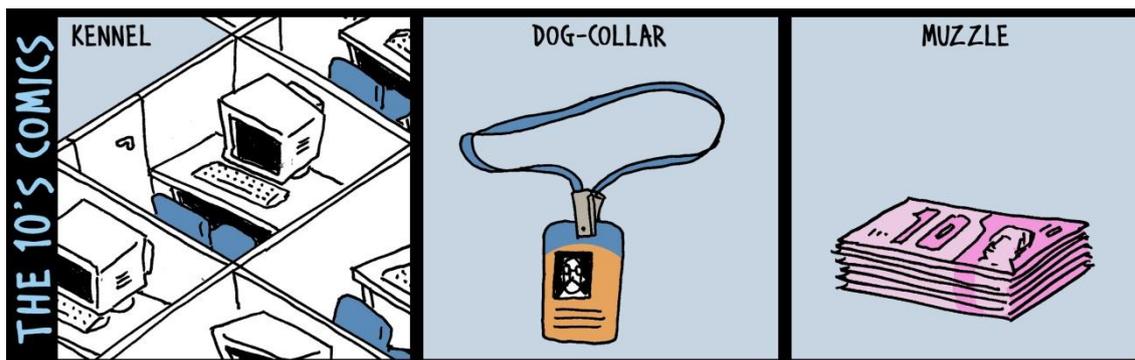
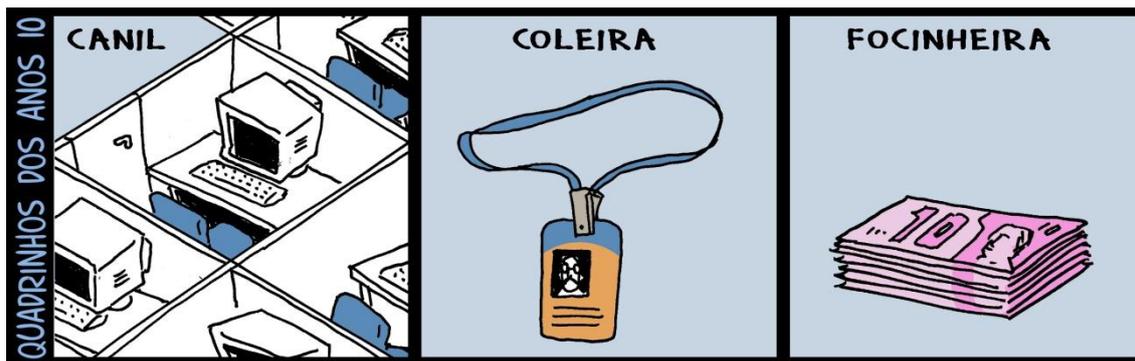
O objetivo desse projeto de tradução era fazer com que os diálogos soassem naturais e próximos da realidade na língua inglesa, buscando contrações, estruturas, expressões e termos frequentes. A seguir, veremos casos que confirmam a teoria apresentada ou que merecem comentários.

3.1 A imagem diz quase tudo

Há casos em que pode se dizer que a imagem facilitou a tradução pois carregava grande parte da mensagem da tira. Vejamos os exemplos a seguir:







Embora os pequenos textos sejam essenciais para completar as mensagens das tiras, caracterizam-se por um vocabulário simples e uma linguagem direta completada pela imagem de elementos que podem ser considerados universais (ou pelo menos comuns entre a língua de origem e a língua de chegada), assim sendo de menos desafio para o tradutor.

3.2 Acréscimos no humor

Veremos agora dois casos em que foram acrescentadas referências à cultura de língua inglesa no texto traduzido:



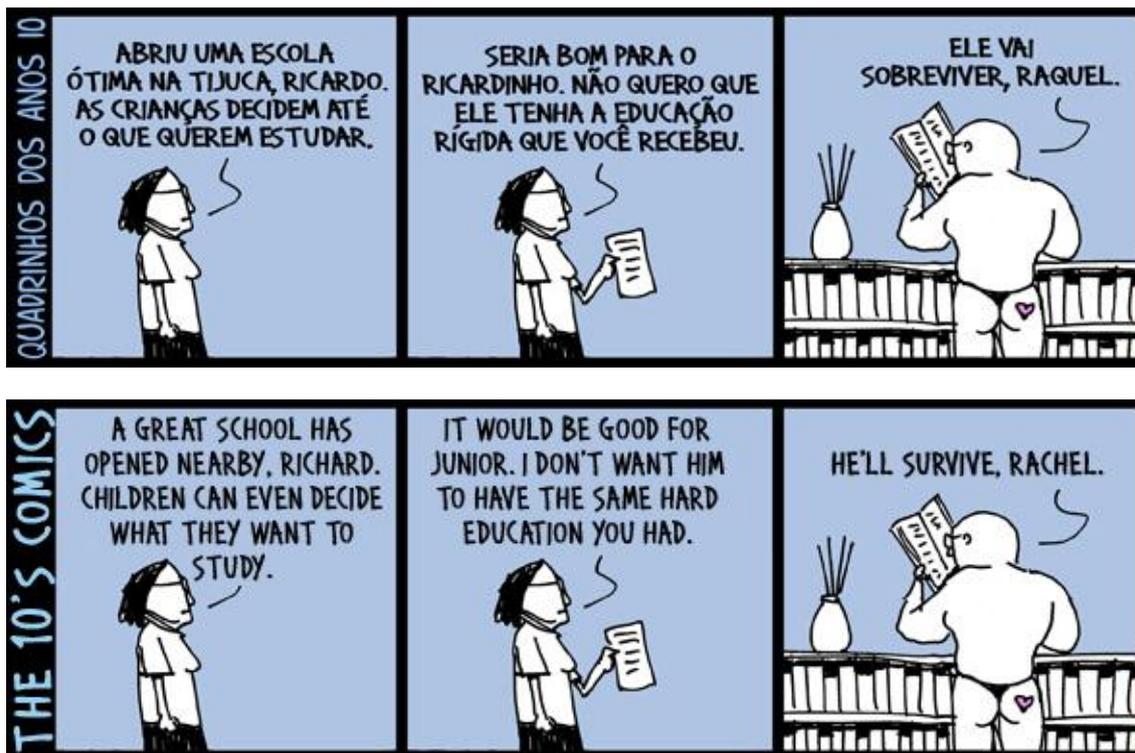
O nome da velhinha foi alterado de um nome relativamente comum ou neutro (Nanel) para “*Miss Havisham*”, que é o nome de uma personagem do romance clássico “*Great Expectations*” de Charles Dickens. *Miss Havisham* é uma mulher solteira de idade que foi abandonada no altar na juventude e desde então nunca tirou seu vestido de casamento. A personagem também recebia visitas frequentes de um jovem que lhe fazia companhia. Assim pode-se aproveitar das semelhanças da velhinha do quadrinho com *Miss Havisham*, acrescentando mais um elemento para o humor da tira. Assim, a tira ganha uma certa ressonância entre leitores de língua inglesa e ressalta-se ainda mais o contraste humorístico entre as expectativas relativas à figura da velhinha e a experiência “moderna” imposta pelo pianista.



A frase “*Imagine if I didn't have money to buy me love*” é uma referência à música “*Money can't buy me love*” dos Beatles e também à “*Imagine*” de John Lennon. O que acrescenta algo mais à graça da tira, já que ambas as músicas falam sobre o desapego ao dinheiro e bens materiais em função do amor enquanto o personagem da tira insiste que o dinheiro pode, sim, comprar a felicidade.



A frase “*Because war is what makes the world go round*” dita pelo personagem no terceiro quadrinho faz referência à frase “*Love is what makes the world go round*”, que é título de várias músicas diferentes escritas por diversos artistas. Acredito que a música com o nome em questão que mais se encaixa com o humor da tira é a escrita por Madonna, que fala sobre como as pessoas deveriam deixar as guerras de lado e espalhar o amor e o altruísmo. Essa referência contribui para o humor com a controvérsia entre o significado que a frase carrega e o modo de pensar do oficial militar na tira.

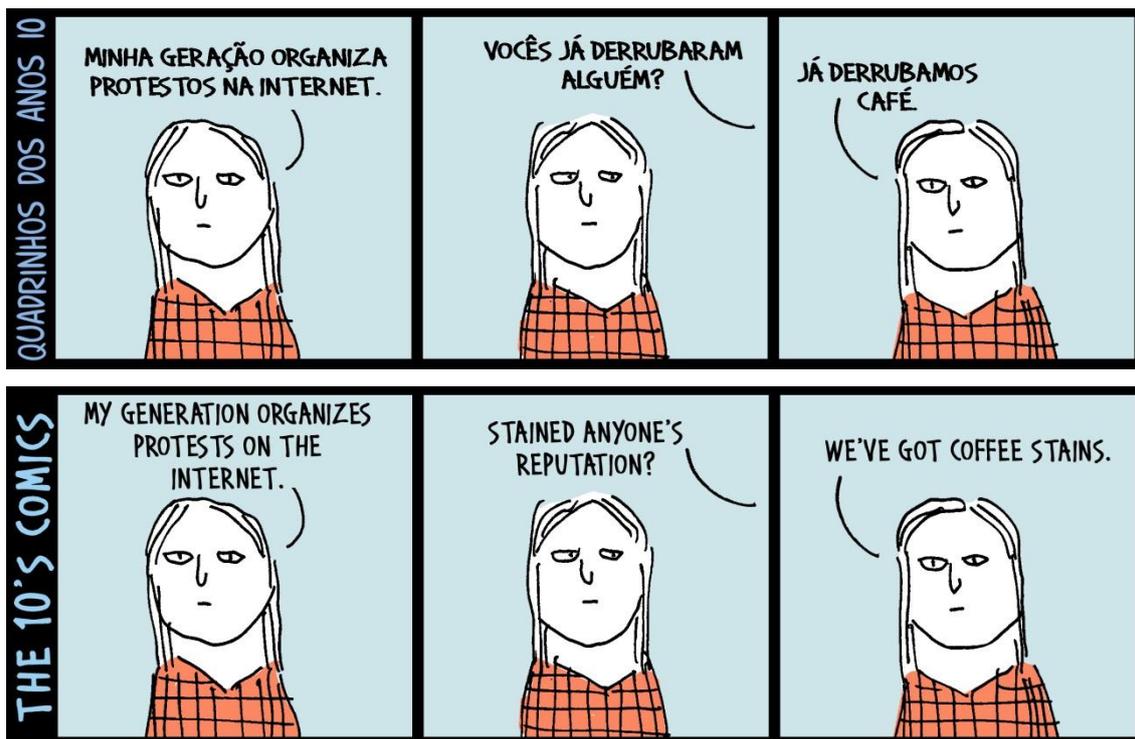


Embora a tradução seja equivalente ao original a frase “*He’ll survive, Rachel*” traz um acréscimo ao humor na língua inglesa. Essa frase faz referência à música “*I Will Survive*”, um clássico cantado por Gloria Gaynor que se tornou um símbolo da força feminina e um hino para a comunidade gay.

Esses acréscimos aumentam o sentido de identificação para o leitor da outra língua, contrariando a ideia de que a tradução necessariamente implica perdas. Ressalta-se que as soluções tradutórias oferecidas somente se tornam possíveis se houver competência intercultural por parte do tradutor.

3.3 Adaptações

Certos conceitos não funcionam em ambas as línguas, como jogos de palavras e elementos culturais específicos. São nesses casos que o tradutor tem de explorar um pouco de sua liberdade como autor da tradução, buscando formas de manter a função do texto mesmo que seja necessário ir além do texto fonte, buscando recursos diferentes que mantém o funcionamento do humor. A seguir veremos como lidei com alguns desses casos:



O verbo derrubar aparece com dois sentidos nesta tira. O primeiro é o sentido que poderia ser traduzido como “*overthrow*”, o ato de tirar um governante ou líder de seu poder. Já o segundo sentido poderia ser traduzido como “*spill*”, que significa derramar. Porém, traduzir com as duas acepções acabaria com a piada. Por isso foi necessário mudar o verbo “derrubar” por “manchar” (*stain*) em inglês. Assim o personagem poderia ter manchado a reputação de alguém e ter manchas de café.



O jogo de palavras nesta tira também não funciona no inglês. “*Legal*” e “*illegal*” em inglês estão somente ligados ao vocabulário jurídico. Sendo assim, foi preciso criar uma nova forma para que a piada funcionasse ainda como um jogo de palavras, usando a rima das palavras “*crime*” e “*dime*”. A piada também ganhou um sentido um pouco diferente, pois agora na tradução foi acrescentado o sentido de que quando eles eram jovens a ideia de sucesso financeiro era considerada um crime para eles, enquanto no original o crime estava em tomar atitudes que poderiam mudar o mundo para melhor.



No Brasil deputados são vistos comumente como corruptos, mas culturas de língua inglesa possuem sistemas de governo que funcionam de forma diferentes e embora também tenham seus casos de parlamentares corruptos não possuem cargos que são equivalentes em todos os aspectos ao do deputado, tanto na conotação negativa quanto nas funções atribuídas. Então, decidi optar por um termo mais geral como “*politician*” (político) na tradução, já que políticos também carregam estereótipos negativos no mundo todo, não só por motivos de corrupção, mas por nunca serem capazes de representar toda uma população, favorecendo certos grupos de pessoas e desfavorecendo ou esquecendo outros.

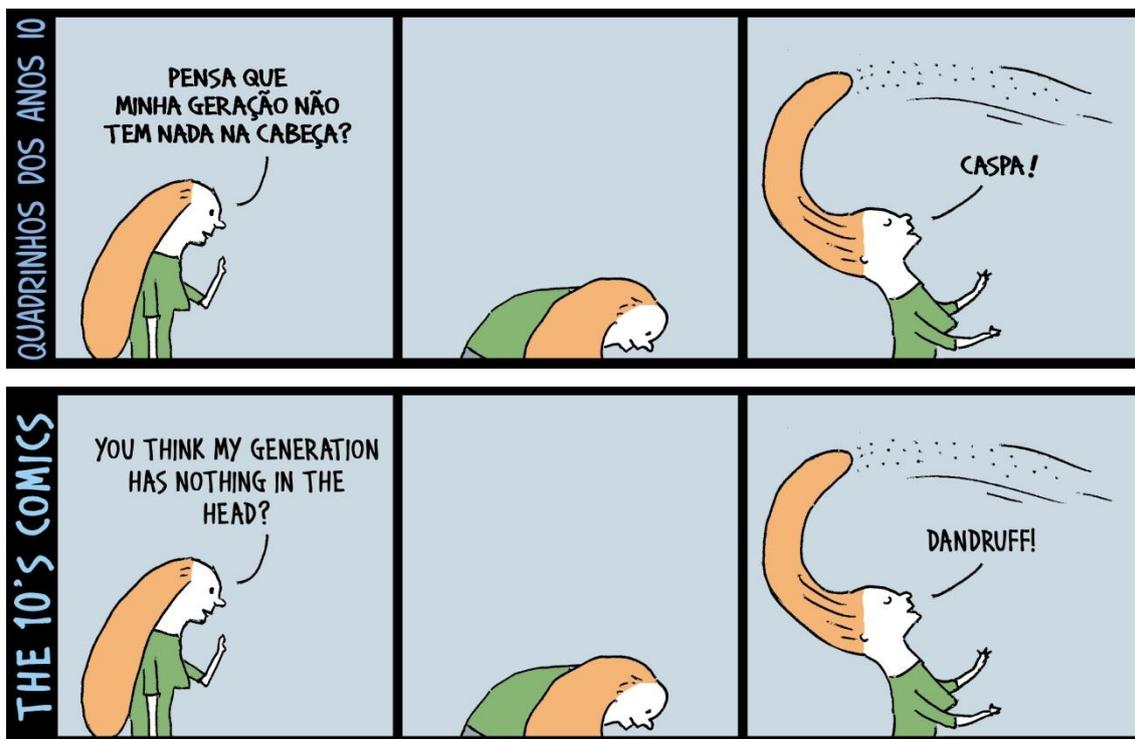
3.4 Oralidade

Tiras simulam diálogos entre pessoas, e diálogos possuem características próprias. Quando indivíduos conversam pessoalmente, podemos dizer que ‘baixam a guarda’ quanto à maneira como usam a língua, naturalmente abrindo mão de certas regras e omitindo palavras que estão implícitas no contexto a fim de tornar a conversa mais eficiente. Acredito que os diálogos das tiras de André Dahmer são incomuns. Embora seus diálogos possuam marcas de oralidade, há sempre um tom formal na maneira como os personagens falam em suas tiras. Mesmo os jovens não usam gírias nem falam de forma desleixada. Confesso que isso me atrapalhou no momento da tradução, pois essa formalidade me fazia esquecer de manter as marcas de oralidade (que em minha opinião ficaram mais visíveis no inglês). Podemos ver, a seguir, o modo como mantive a emulação de diálogo na tradução:



Da primeira vez que traduzi essa tira lembrei-me de usar a contração “*c'mere*” de “*come here*” para “venha aqui”, mas esqueci da contração “*you're*” de “*you are*”. Na minha primeira tradução das tiras, esqueci-me de usar contrações em quase todas. Acredito que isso aconteceu não só por causa do estilo formal do autor, mas também por causa da minha falta de experiência em traduzir conversas entre personagens.

Talvez isso seja algo que precisa ser acrescentado ao curso de formação em Tradução na UnB. Durante curso temos pouco contato com textos que trabalham a oralidade da mesma forma como pode ser encontrada no trabalho de Dahmer. É preciso conhecer mais sobre essa simulação de diálogo real e como traduzi-la para a língua de chegada mantendo esse objetivo de tornar personagens fictícios mais próximos de pessoas reais.



Aqui podemos ver outra marca da oralidade que é a omissão de algumas palavras. A personagem diz “Pensa que minha geração não tem nada na cabeça?” em vez de “**Você** pensa que minha geração não tem nada na cabeça?”. Em minha primeira tradução da tira, traduzi como “*Do you think **that** my generation has nothing in the head?*”, mas para manter a marca de oralidade no inglês podemos omitir “do” e do “that”, assim ficando “*You think my generation has nothing in the head?*”.

3.5 Xingamentos

Palavrões e xingamentos também estão ligados à cultura de um povo, sobre o que é considerado ofensivo e desonroso. Ao traduzir os palavrões e xingamentos encontrados nas tiras de Dahmer, meu critério foi procurar equivalentes de intensidade e contexto. Vejamos os exemplos a seguir:



No caso de “filho da puta”, poderíamos pensar em traduzir como “*son of a bitch*” ou “*son of a slut*”. As duas opções podem ser equivalentes em significado do original, mas acredito que não possuem o mesmo nível de intensidade e nem a mesma equivalência de contexto que “*motherfucker*”. O xingamento “filho da puta” é muito ofensivo, considerado por muitos como motivo para começar uma briga, e acredito que “*motherfucker*” é uma boa tradução por também ser considerado um xingamento pesado na língua inglesa.



O xingamento “corno” não funciona bem no inglês. Mesmo que no inglês também haja o conceito de que um homem traído por sua mulher tem seu respeito ferido, me parece que não existe um xingamento próprio para isso. O equivalente de “corno” mais próximo no inglês é “cuckold”, que tem o mesmo sentido de um homem cuja esposa faz sexo com outros homens. Mas é uma palavra antiquada não muito usada, muito menos como forma de ofensa verbal. Sendo assim, preferi traduzir como “pussy” que significado parecido com “covarde” em português, uma pessoa que só tem coragem de entrar em situações que não lhe oferecem nenhum tipo de risco, o que fica engraçado na tirinha já que o homenzinho que está acostumado a ofender pessoas na internet é um verdadeiro covarde.

3.6 Mistura com outras categorias de discurso

Há certos casos em que o autor das tiras vai além de seu vocabulário mais frequente, usando palavras e termos fora de contexto que contribuem para a surpresa do humor. Vejamos dois exemplo a seguir:



Nessa tirinha há uma brincadeira com a forma pela qual o cliente pede o refrigerante, que cita todos os componentes químicos da bebida. Esses componentes são característicos de textos técnicos e o tradutor tem que mudar para a estratégia adequada de tradução de acordo com a necessidade.



Podemos ver nessa tira que o autor optou por um texto mais poético com o uso de palavras e sentidos abstratos. Esse tom lírico, quase esotérico da fala do personagem é importante para o humor da tira, que faz uma metáfora com os riscos do abandono de um trabalho estável, portanto é essencial que o tom seja mantido no texto traduzido.

3.7 Conclusão do Relatório

Verter as tiras de Dahmer foi um trabalho muito interessante. Dahmer é autor de várias séries com temas diferentes e acredito que as tiras que escolhi para traduzir possuem temas abrangentes que não se limitam à sociedade brasileira, mas à sociedade ocidental moderna como um todo.

Apesar da quantidade de tiras os casos especiais não foram muitos, a maioria das tiras não precisaram de soluções que iam além do texto fonte, como algumas das destacadas no relatório. Junto com a tradução das tiras estava a tradução de humor, e essa combinação trouxe vários aspectos interessantes para o relatório como a imagem que dizia quase tudo, acréscimos no humor, adaptação, oralidade, tradução de palavrões e xingamentos e a mistura com outras categorias de texto. Foi um desafio traduzir do português para o inglês pois, apesar do meu conhecimento do inglês ainda não posso dizer que domino todos os aspectos da língua, e se não fosse pelo meu orientador eu não

teria conseguido trabalhar bem a parte da oralidade na tradução, que foi a maior dificuldade durante a tradução..

Acredito que o que se encontra nesse relatório é o que se espera no trabalho da tradução de tiras, esse tipo de texto multimodal que possui tantas características próprias. Ao ler o relatório, podemos ver que apesar dos casos que precisaram de uma abordagem que vai além da do texto original, foi possível manter o humor substituindo o que não poderia ser usado em uma língua pelo que poderia funcionar na outra. Assim, podemos concluir que a tradução alcançou seu objetivo de tornar o texto familiar e funcional para falantes do inglês.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com a tradução de quadrinhos e tiras foi uma ótima experiência para mim. Fui capaz por em prática os ensinamentos que aprendi ao longo do curso de tradução e desenvolvi novas habilidades como tradutor. O gênero textual dos quadrinhos é muito prazeroso de trabalhar, ainda mais quando está ligado ao humor. É divertido ler traduções e descobrir que ainda há graça no resultado. O autor, André Dahmer, ficou satisfeito com o trabalho e publicou as versões no mini blog andredahmer.tumblr.com, divulgando também em sua página no Facebook e no Twitter.

Com ajuda da teoria pude buscar resultados mais interessantes para o relatório e entender melhor os casos especiais de tradução. Além aprender mais sobre conceitos básicos que definem os quadrinhos e o humor, aprendi como lidar com as dificuldades deste gênero. Acredito que acrescentar os estudos da competência sociocultural é bom para o entendimento de como o humor funciona. Também foi importante conhecer mais sobre os princípios da *Skopostheorie* para entender que certos tipos de textos exigem mais liberdade para que o tradutor possa manter o texto funcional. Diante disso, pode-se dizer que objetivo do projeto foi alcançado, e que com a experiência adquirida neste trabalho posso dizer que cresci como tradutor.

5 REFERÊNCIAS

BAKER, Mona ed.. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. New York and London: Routledge. 2001.

CELCE-MURCIA, M. Rethinking the Role of Communicative Competence. In SOLER, E. A.; JORDÀ, M. P.S. *Intercultural Language Use and Language Learning*. Kindle ed. [S.l.]: Springer, 2007. P. 536-706.

DIOT, Roland. “Humor for Intellectuals: Can It Be Exported and Translated? The Case of Gary Rudeau’s In Search of Reagan’s Brain.” 1989. *Meta*34 (1): 84–87.

DAHMER, André. *Malvados*. Rio de Janeiro: Desiderata. 2008. pp 9-10

MCCLLOUD ,Scott. *Understanding Comics*. Northampton, MA: Kitchen Sink Press, 1993. p.49

POSSENTI, Sírio. Tradução de humor: transcriando piadas. *DELTA* [online]. 2003, vol.19, n.1, pp. 231-233. ISSN 0102-4450. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502003000100013>.

ROSAS, Marta. *Tradução de humor: transcriando piadas*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna. 2002.

VANDAELE, Jeroen. *Humor in Translation*. University of Oslo, 2002. pp. 149-151

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. JOHN DRYDEN. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=John_Dryden&oldid=35770186>. Acesso em: 7 jul. 2013.

WILD, Adam. *A Translator’s Guide to Reading Comics and Comic Strips*. University of East Anglia. [s. d.]

6 TEXTO ORIGINAL E TRADUÇÃO

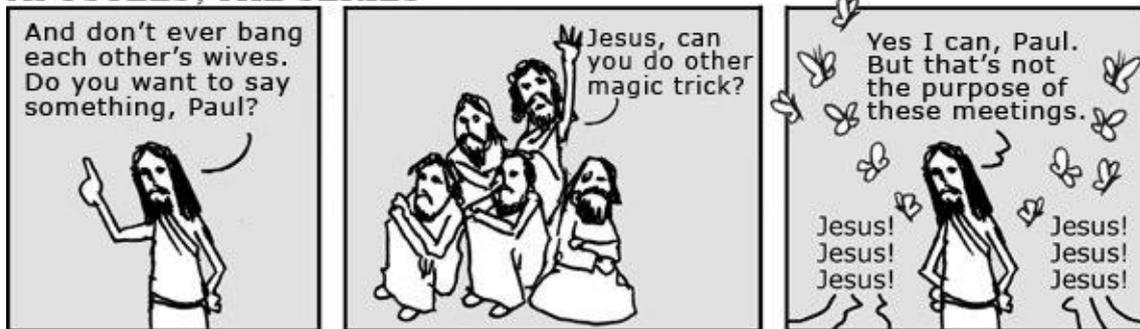




APÓSTOLOS, A SÉRIE



APOSTLES, THE SERIES



APÓSTOLOS, A SÉRIE



APOSTLES, THE SERIES



minicômio



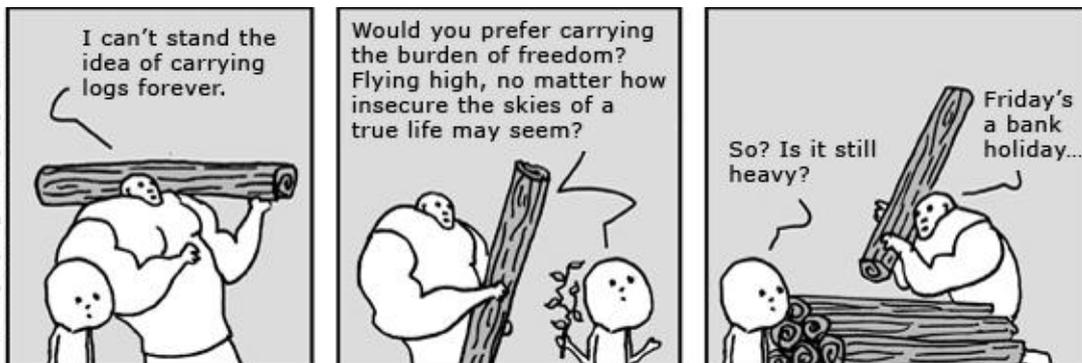
BUGSHOUSE



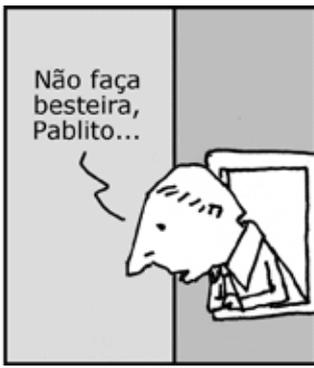
minicômio



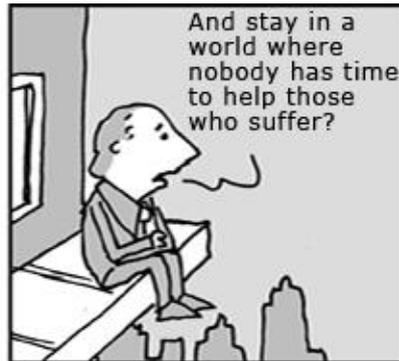
BUGSHOUSE



minicômio



BUGSHOUSE



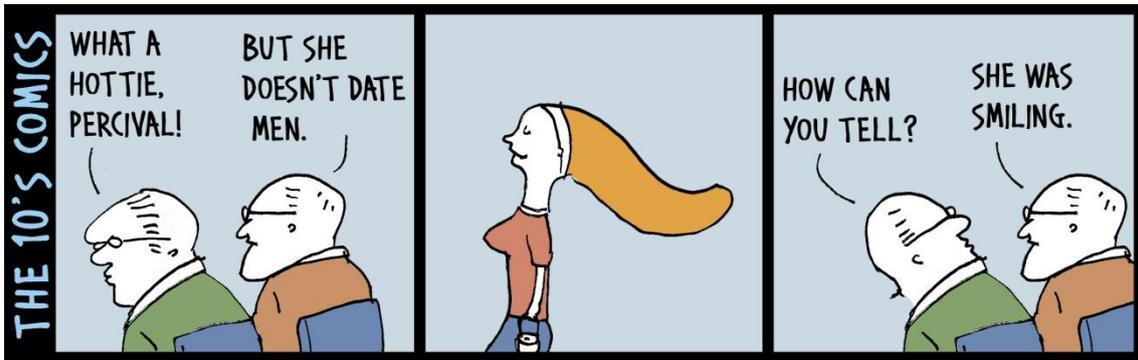
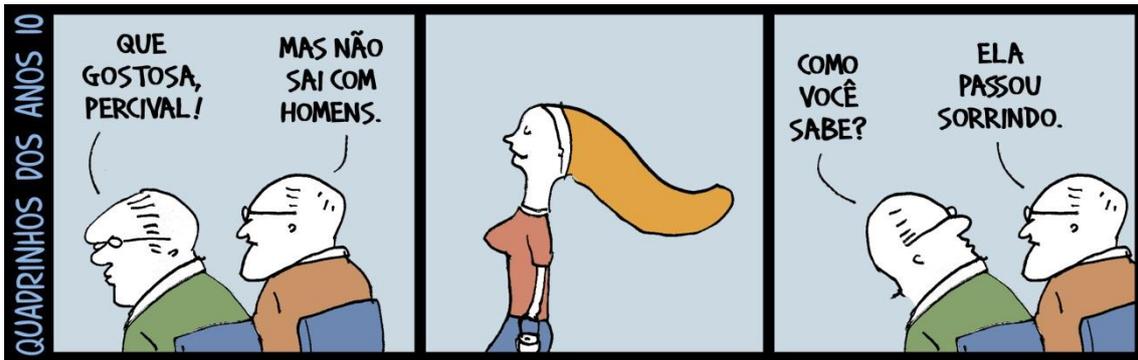
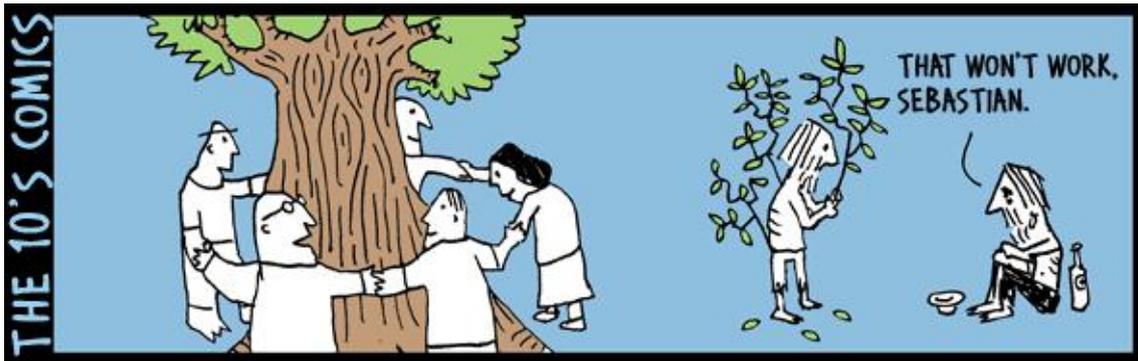
QUADRINHOS DOS ANOS 10

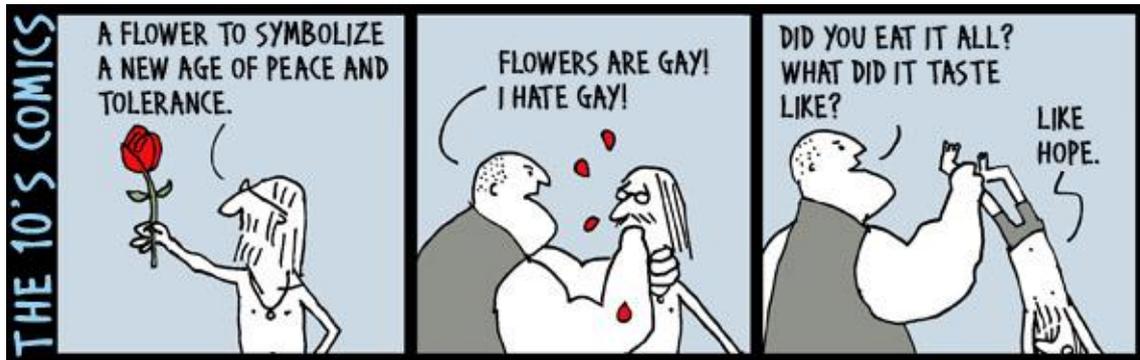


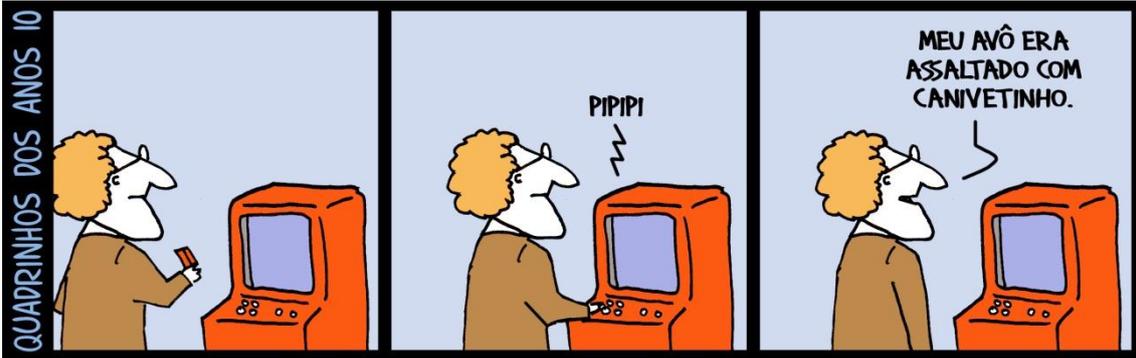
THE 10'S COMICS

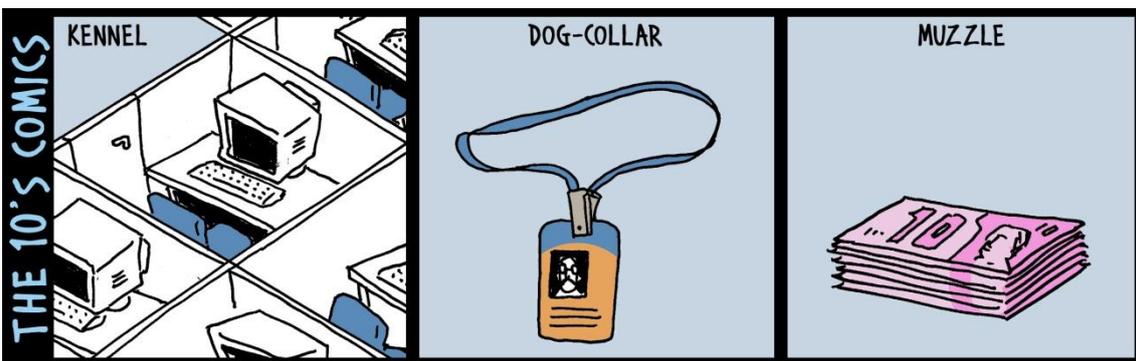
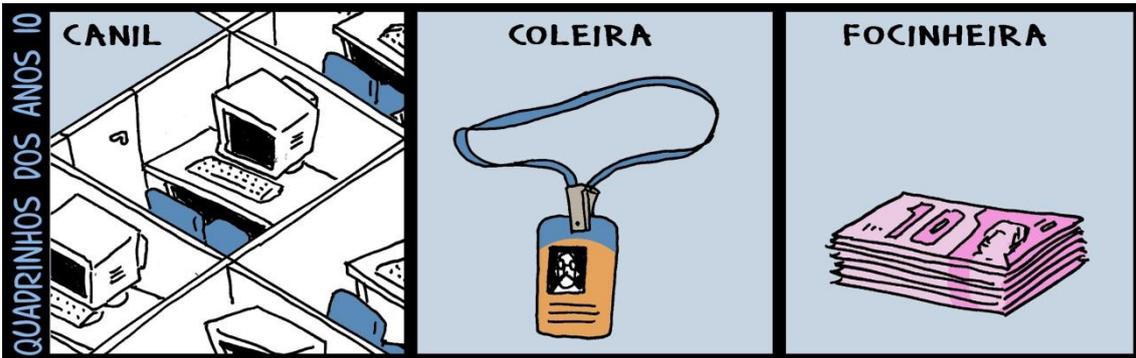


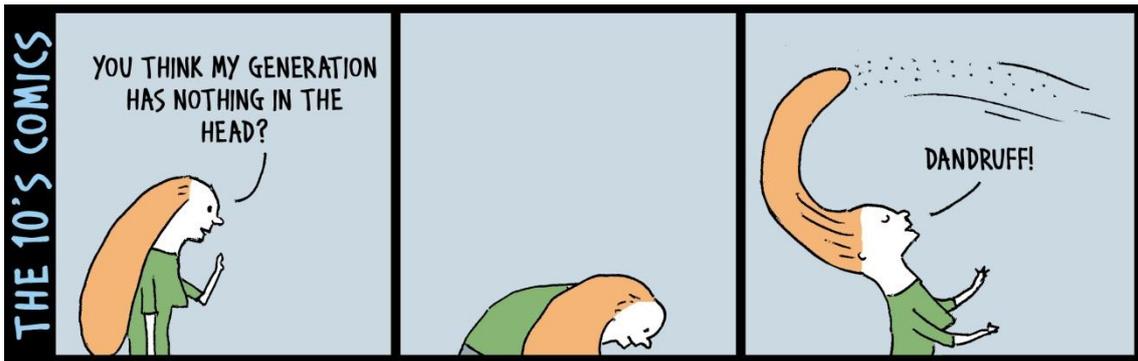
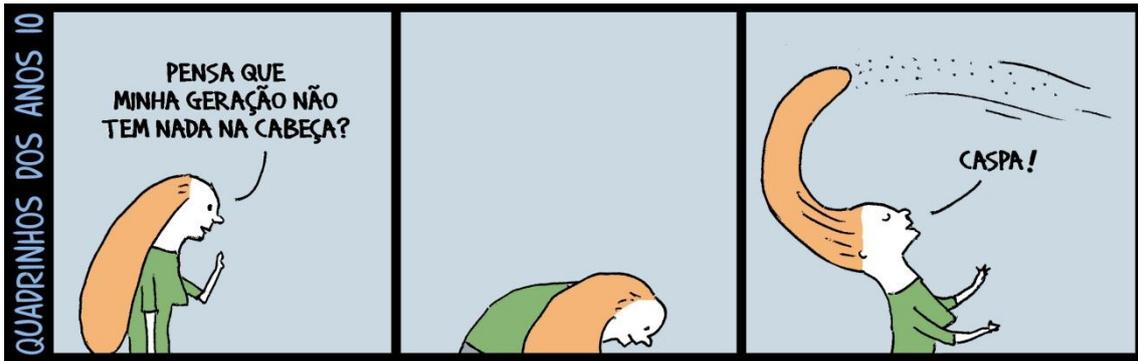


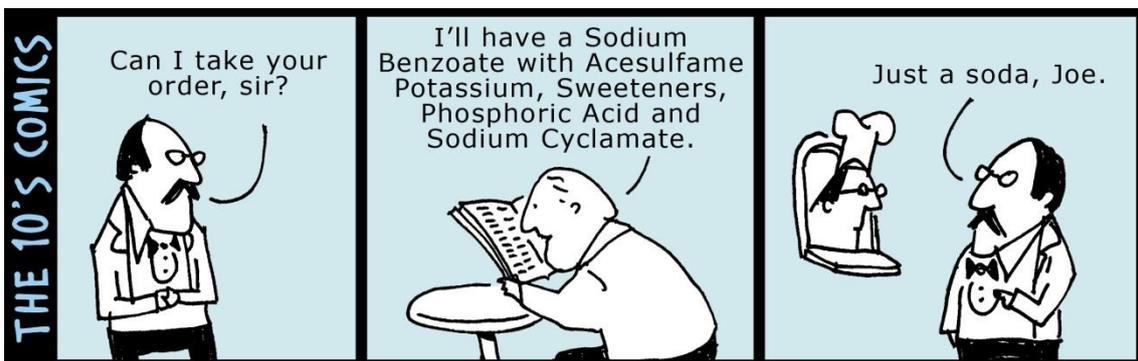
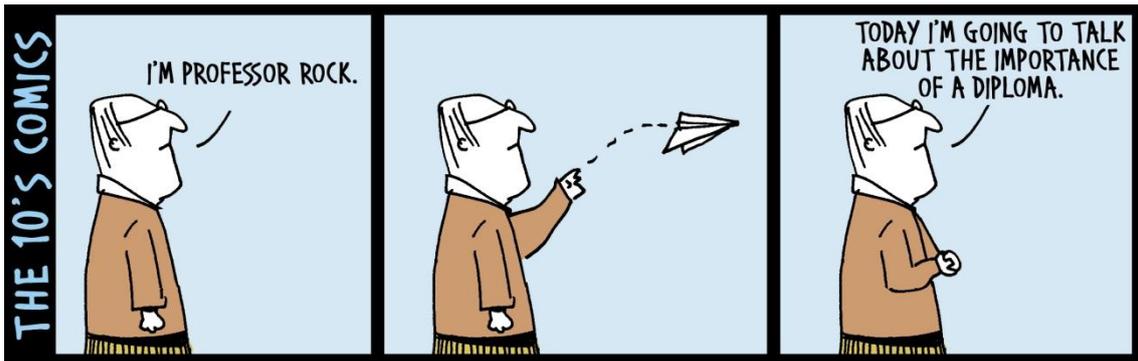
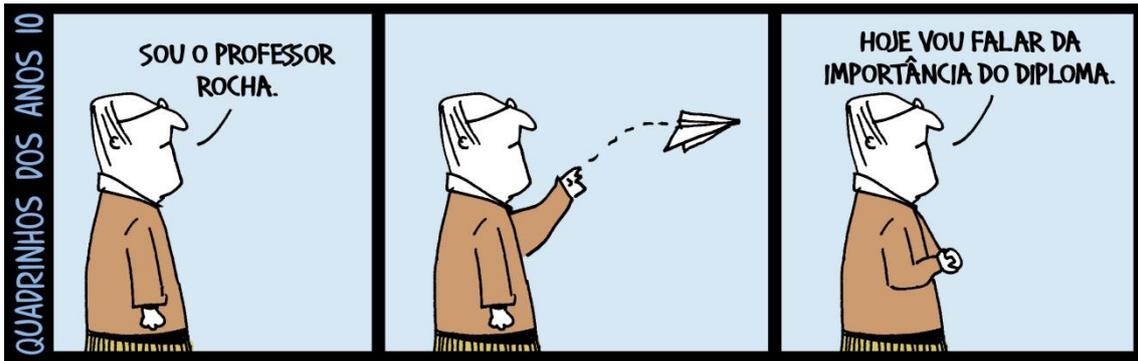


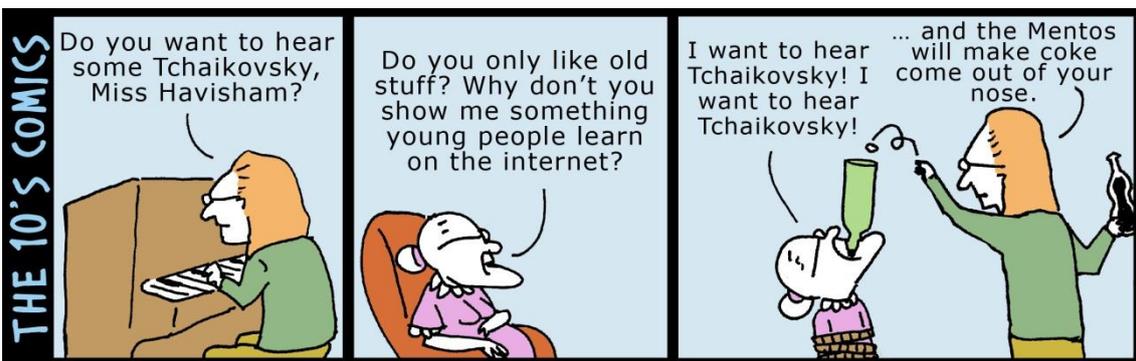
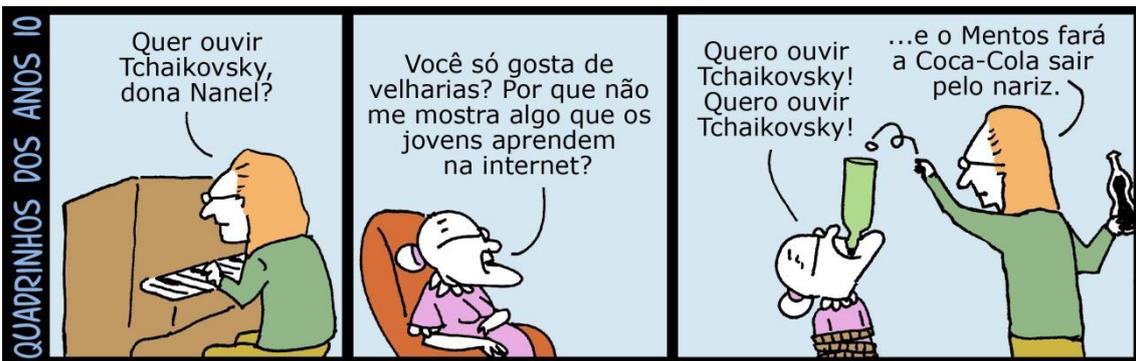


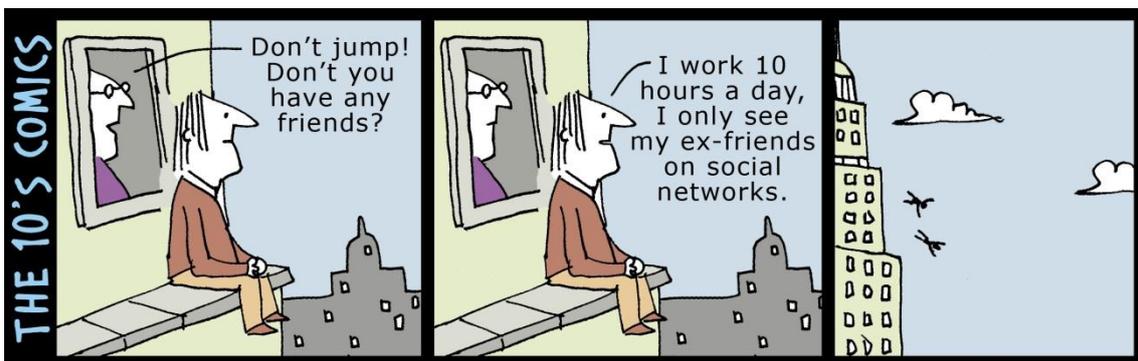
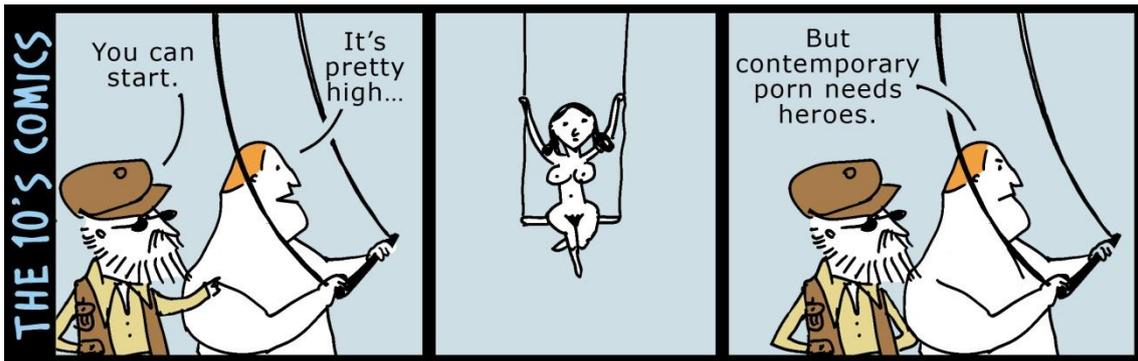
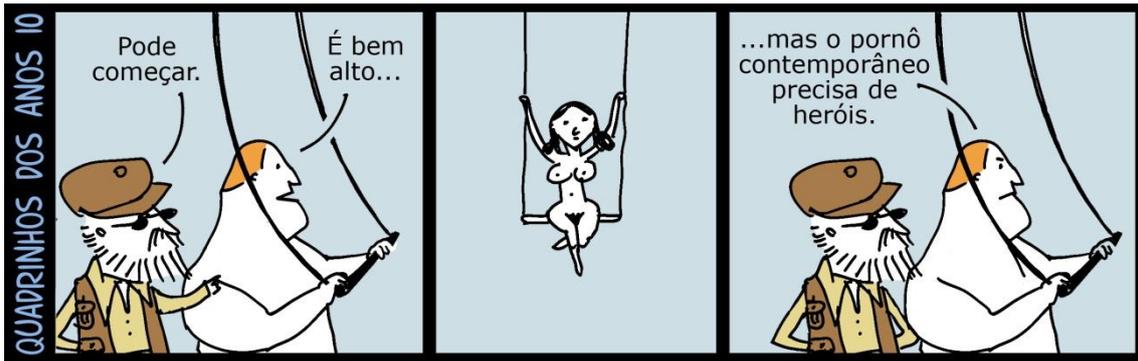




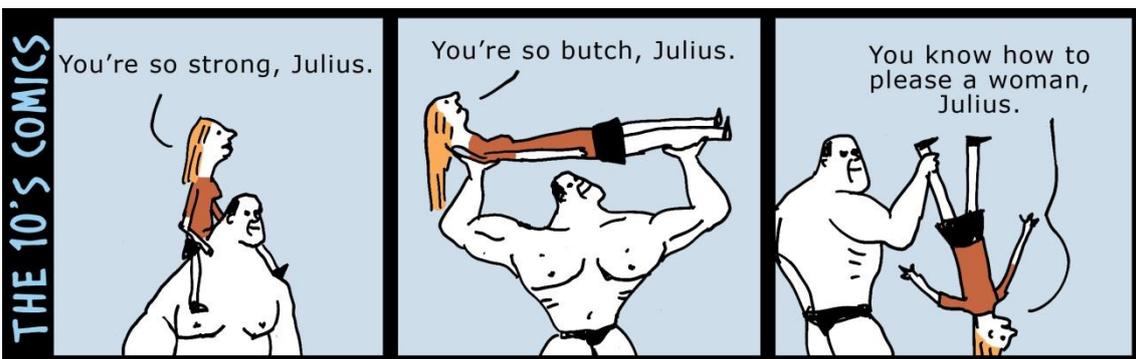
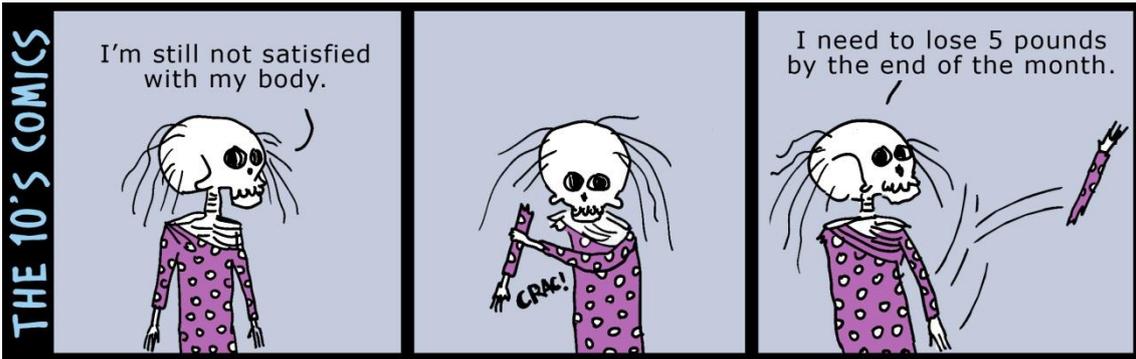
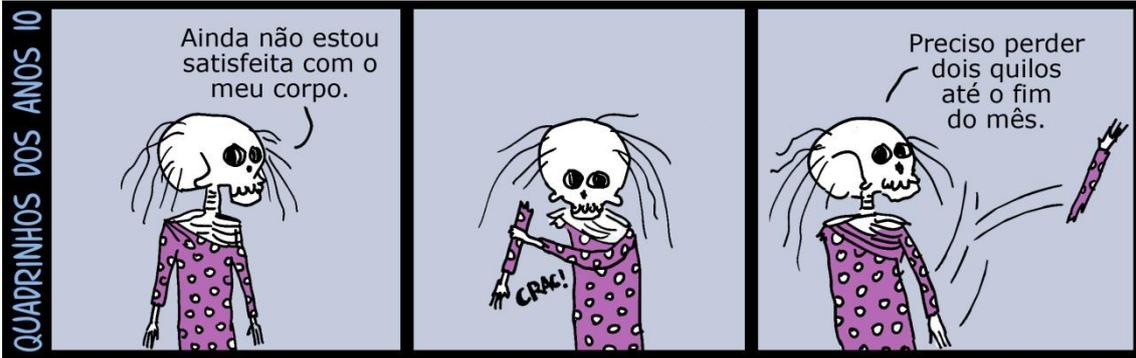


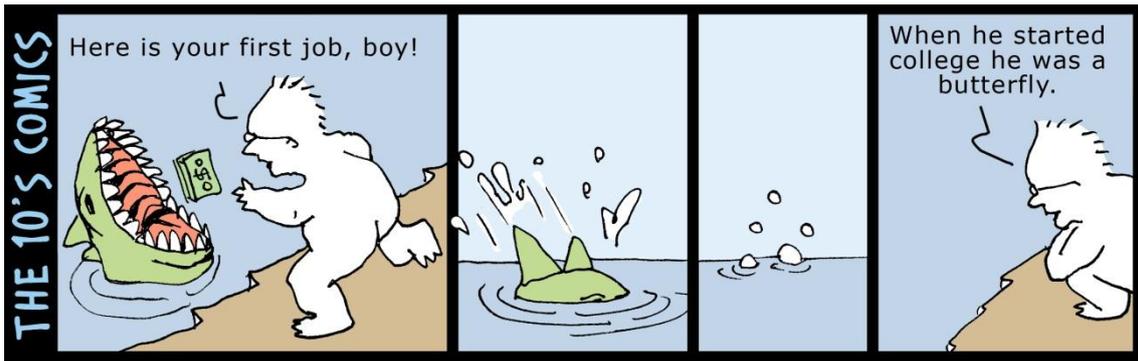
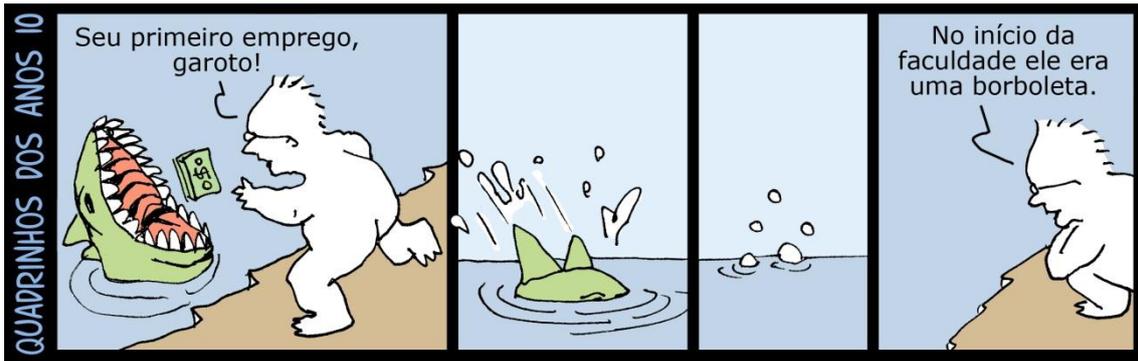


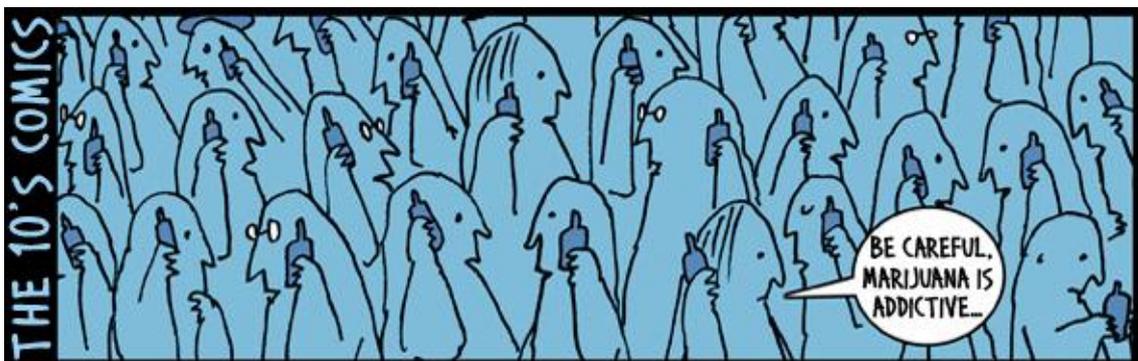
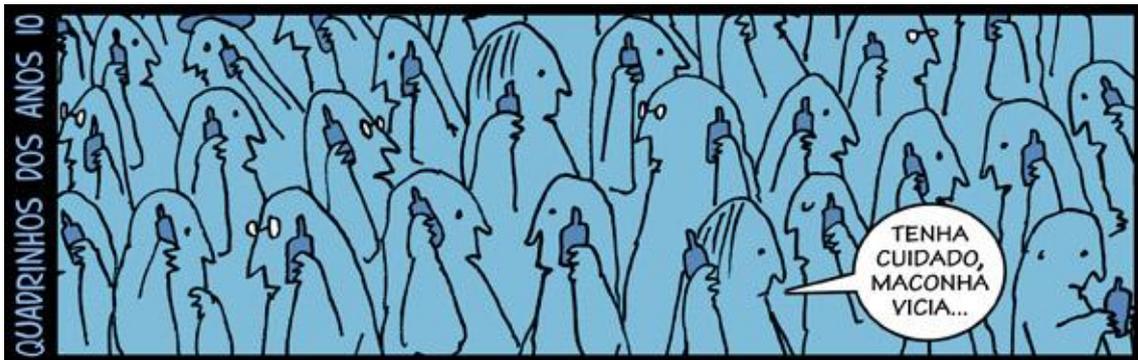






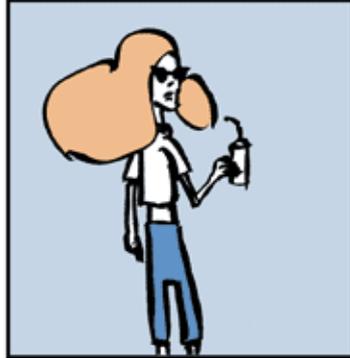






QUADRINHOS DOS ANOS 10

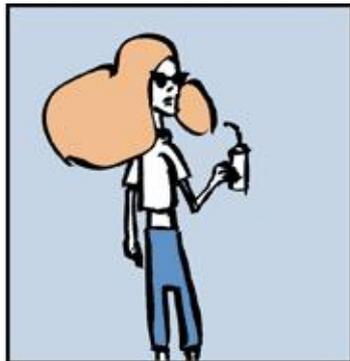
ACHO QUE AS MULHERES USAM CALÇA SÁRUEL PARA MOSTRAR QUE SÃO MAIS DO QUE UM PAR DE BUNDAS, MAS NÓS HOMENS JÁ SABEMOS DISSO.



TAMBÉM SOU FÃ DE PEITOS, NELSON.

THE 10'S COMICS

I THINK WOMEN WEAR HAREM PANTS TO SHOW THEY'RE MORE THAN A PIECE OF ASS, BUT WE MEN ALREADY KNOW THAT.



I ALSO LOVE BOOBS, NELSON

QUADRINHOS DOS ANOS 10

LEMBRA DA ÉPOCA DE FACULDADE, MARTIN?

QUANDO NÓS BRINCÁVAMOS DE MUDAR O MUNDO?

ERA TÃO LEGAL, NÉ?

MAS SE NÃO FOSSE BRINCADEIRA, SERIA ILEGAL.

THE 10'S COMICS

DO YOU REMEMBER WHEN WE WERE IN COLLEGE, MARTIN?

WHEN WE USED TO PLAY CHANGING THE WORLD?

GOOD TIMES, RIGHT?

WELL, IF IT WAS WORTH A DIME, IT'D BE A CRIME.

